

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v9.n1.008



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

ALGUMAS TRADUÇÕES E SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS AO TERMO CORAÇÃO NO CONTEXTO BÍBLICO DO ANTIGO E NOVO TESTAMENTOS

Some translations and meanings attributed to the term heart in the biblical
context of the Old and New Testaments

Renato Fonseca Buzo¹

RESUMO

A proposta deste artigo é mostrar como o entendimento de algumas traduções efetivadas das palavras *leb*, *lebab* e *cardia* podem ser atribuídas a uma dimensão da vida associada ao termo “coração” no contexto das Escrituras. Apresenta-se, portanto, alguns dos significados atribuídos ao termo coração e que podem ser expressos nas dimensões cognitiva, emocional, espiritual, social e física, os quais implicam na vida do ser humano. Os significados traduzidos ajudam na compreensão sobre o sentido de ser da vida humana e de suas dimensões, as quais são referendadas pela cosmovisão bíblica, cuja finalidade é possibilitar leituras e interpretações direcionadas ao trabalho a ser efetivado no aconselhamento pastoral. Diante disto, a questão norteadora tem por finalidade indagar sobre que traduções do termo coração são encontradas nas Escrituras e como isso se articula com o aconselhamento bíblico diante das dimensões da vida. A metodologia da pesquisa eleita é do tipo bibliográfico e explicativo com uma abordagem qualitativa. Conclui-se que em um aconselhamento bíblico deve-se levar em conta o que está por detrás do comportamento (coração): quais são os desejos, ambições, vontades, quais as perspectivas sobre Deus e sobre si mesmo.

Palavras-chave: Coração. Antigo e Novo Testamento. Traduções. Significado.

¹ Mestre em Ministério pela Carolina University. Participante do Grupo de Pesquisa Formação Ministerial e Ensino Bíblico- FORMEB. É graduado em Teologia com ênfase em ministério pastoral pelo Seminário Bíblico Palavra da Vida, Convalidação pela Faculdade Sulamericana de Londrina / PR. Atualmente é pastor titular na Igreja Batista de Tupã / SP, onde atua exercendo a função pastoral há 12 anos. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-0111-9402>. E-mail: renato.buzo@hotmail.com

ABSTRACT

The proposal of this article is to show how the understanding of some translations of the words *leb*, *lebab* e *cardia* can be attributed to a dimension of life associated with the term “heart” in the context of the Scriptures. There are therefore presented some of the meanings attributed to the term heart and which can be expressed in the cognitive, emotional, spiritual, social and physical dimensions, all of which affect the human life. The translated meanings help in the understanding of the meaning of human life and its dimensions, which are referenced by the biblical worldview, whose purpose is to enable readings and interpretations aimed at the work to be carried out in pastoral counseling. In view of this, the guiding question aims to investigate which translations of the term heart are found in the Scriptures and how this is articulated with biblical counseling in relation to the dimensions of life. The chosen research methodology is bibliographical and explanatory, with a qualitative approach. It is concluded that in biblical counseling it is necessary to take into account what is behind the behavior (heart): what are the desires, ambitions, wishes, what are the perspectives on God and on oneself.

Keywords: Heart. Old and New Testaments. Translations. Meaning.

INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo é mostrar como o entendimento de algumas traduções efetivadas das palavras *leb*, *lebab* e *cardia* podem ser atribuídas a uma dimensão da vida - cognitiva, emocional, social, espiritual e física -, associada ao termo “coração” no contexto das Escrituras, com a finalidade de evidenciar o espaço central que este ocupa no aconselhamento pastoral firmado em uma cosmovisão bíblica.

Objetiva-se apresentar, portanto, alguns dos significados atribuídos ao termo coração e que podem ser expressos nas dimensões cognitiva, emocional, espiritual, social e física, a partir do contexto encontrado no texto e que possibilita efetivar a tradução associada a um significado, o qual implica a vida do ser humano.

Diante disto, a questão norteadora tem por finalidade indagar sobre que traduções do termo coração são encontradas nas Escrituras e como isso se articula com o aconselhamento bíblico diante das dimensões da vida. A metodologia da pesquisa eleita é do tipo bibliográfico e explicativo com uma abordagem qualitativa.

Defende-se ser necessário trabalhar com a perspectiva do contexto e da tradução do termo coração presente nos textos do Antigo e Novo Testamentos, reconhecendo que essa ação favorecerá a prática do aconselhamento pastoral, na medida em que oferecerá uma melhor compreensão de como ouvir e orientar as pessoas no processo de refletir e decidir sobre a situação experienciada. Afinal, o aconselhamento pastoral atua como uma ferramenta, cuja aplicação é dirigida à vida dos aconselhados.

Os significados traduzidos ajudam na compreensão sobre o sentido de ser da vida humana e de suas dimensões, as quais são referendadas pela cosmovisão bíblica, cuja finalidade é possibilitar leituras e interpretações direcionadas ao trabalho a ser efetivado no aconselhamento pastoral. Afinal, elege-se como fonte primária da prática do aconselhamento a Palavra de Deus, por entender sua natureza revelacional que aponta para o plano providencial de Deus em Cristo para toda a humanidade.

1. OS VOCÁBULOS *LEB* E *LEBAB* (“CORACÃO”) NO ANTIGO TESTAMENTO

No Antigo Testamento a palavra usada no original para “coração” pode ser vista em diversas passagens, sendo compostas, predominantemente, por duas palavras: לב (*leb*) ou לבב (*lebab*), que são dois termos correlatados com o mesmo sentido. Os dois termos, se somados, aparecem 858 vezes na Bíblia para descrever quem é Deus, os elementos da natureza e as pessoas². Em mais de oitocentas ocorrências, o Antigo Testamento, fala do “coração” dos seres humanos,³ o que supera outros termos que são comuns para a humanidade, como “carne” (*basar*), “alma / fôlego” (*nepesh*) e “espírito” (*ruah*).

O termo “coração” pode indicar algo inacessível ou oculto, um lugar difícil de alcançar, como, por exemplo, o que se encontra narrado no livro de Jonas 2.3, quando o profeta Jonas está dentro do grande peixe, e ele ora ao Senhor: “Jogaste-me nas profundezas, no coração dos mares”. Aqui, a expressão “coração dos mares” revela as águas mais profundas e desconhecidas dos oceanos. A ideia é de um lugar de natureza incompreensível e inexplorada das partes distantes do oceano.⁴

Um outro exemplo é Deuteronômio 4.11, quando a expressão “coração do céu” pode se referir aos mais altos céus de onde Deus falava com Moisés. Abdalla ressalta que:

Essa ideia aplicada à natureza remonta à visão que os antigos israelitas tinham do coração físico dos seres humanos como uma parte inacessível, protegida pelas costelas como se fossem um invólucro: “Como uma urso, roubada de seus filhos, eu os atacarei e lhes romperei a envoltura do coração (Os 13.8). A visão anatômica deste órgão levou à ideia figurada do coração como ser interior ou imaterial das pessoas, inacessível a outros seres humanos, que são capazes de ver somente a aparência externa e o comportamento.⁵

Um modelo disso é 1 Samuel 16.6-7, em que, no contexto da história, o rei Saul havia desobedecido a Deus e, como resultado, Deus retirou a sua unção e prometeu escolher um novo rei para Israel. Deus, então, disse ao profeta Samuel que fosse até a casa de Jessé e escolhesse um dos seus filhos para ser o próximo rei de Israel. Quando Samuel viu o filho mais velho de Jessé, Eliabe, ele pensou que esse seria o escolhido de Deus, porque Eliabe era forte e imponente. No entanto, Deus disse a Samuel para não olhar para a aparência externa, pois Ele olhava para o coração, o que indicava a incapacidade humana de ver o que está no coração de seu próximo.

O vocábulo coração é frequentemente utilizado no Antigo Testamento para se referir ao centro da vida interior e emocional do ser humano. O coração é visto como a fonte de todos os pensamentos, emoções e ações, envolvendo tanto a capacidade de perceber, raciocinar e pensar, quanto o sentimento, a vontade e o juízo de valor. Ele é considerado fundamental

² ABDALLA, Thiago. **O hebraico nosso de cada dia**. São Paulo: Hagnos, 2022, p. 96.

³ WOLFF, Hans Walter. **Antropologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 80.

⁴ WOLFF, 2008, p. 83.

⁵ ABDALLA, 2022, p. 98.

para a relação com Deus e para a busca da santidade e da justiça.⁶ Faz-se necessário apresentar aqui, algumas das principais passagens veterotestamentárias que contribuem para este entendimento da palavra.

Em Gênesis 6.5 lê-se: “E viu o Senhor que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente”. O texto está inserido no contexto do relato do Dilúvio, em que a humanidade se corrompeu ao ponto de não haver mais volta. Deus decidiu julgá-la com um grande dilúvio que destruiria toda a vida na terra, exceto a de Noé e sua família.

A expressão “toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente”, indica que a maldade humana era algo profundo, arraigado no âmago do ser humano, em seu “coração”. O texto sugere que o estado do coração humano era de tal forma corrompido que todos os pensamentos, desejos e ações eram voltados para o mal, referindo-se à sede do pensamento, sentimento, volição e moralidade.⁷ Há um alerta sobre a gravidade do pecado e a importância de se manter um coração puro e voltado para Deus. A luta contra o mal não é apenas externa, mas também interna, no interior, no “coração”. Assim, sugere-se a fundamental busca pela transformação do “coração” para evitar que a maldade se enraíze no interior do ser e se manifeste em ações.

Em Deuteronômio 6.5, lê-se: “Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todas as tuas forças”. Moisés, o líder do povo, está relembrando as leis e os mandamentos que Deus deu a Israel, enquanto eles estavam no deserto. Esta passagem em particular é parte do *Shema*, que é uma confissão de fé que os judeus recitam diariamente. Ele é um chamado para Israel amar a Deus e obedecer-lhe e é uma forma de lembrá-los de sua identidade como povo escolhido.

Destaca-se a importância do amor a Deus e do compromisso com ele, que deve vir de todo o coração, o que implica uma devoção total e completa, que abrange todas as dimensões do ser humano - emocional, intelectual, espiritual, física e volitiva. É um chamado para que os judeus expressem sua devoção a Deus por meio da obediência e submissão, reconhecendo que o amor a Deus é o centro de sua identidade e propósito como povo escolhido. O povo foi chamado para amar a Deus com a inteireza do ser – com todo o seu coração, com toda a sua alma e com toda a sua força.⁸

No texto de Provérbios 4.23, está escrito: “Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida”. Observa-se que o contexto imediato é a exortação de um pai a seu filho para que ele ouça e siga seus ensinamentos. O pai enfatiza a importância de guardar a sabedoria em seu “coração”, para que ela possa proteger e guiar sua vida. Neste relato, o “coração” é visto como a fonte de todas as ações e decisões, e é importante protegê-lo de influências negativas. De acordo com Waltke, a metáfora sugere não apenas que a vida tem suas fontes no coração, “mas também que a direção que ela toma é

⁶ SMITH, Ralph. **Teologia do Antigo Testamento**: história, método e mensagem. São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 259.

⁷ WALTKE, B. K. **Gênesis**. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p.142.

⁸ CRAIGIE, P. C. **Deuteronômio**. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p.167.

determinada pelo coração⁹. De fato, o livro de Provérbios é um livro de sabedoria que contém conselhos práticos para viver uma vida justa e reta.

O versículo que se encontra em Jeremias 17.9, “Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso; quem o conhecerá?”, nos adverte de que essa confiança em si mesmo e em outras coisas leva à destruição, pois o coração humano é inerentemente falho e não pode ser confiável. Nesta passagem, o coração é descrito como enganoso e perverso e destaca a necessidade de examiná-lo cuidadosamente para evitar ser levado por caminhos errados.

No contexto mais amplo do livro de Jeremias, o profeta está falando sobre a necessidade de arrependimento e renovação espiritual, uma vez que o povo de Judá havia se afastado de Deus e estava confiando em outras coisas, como riquezas, poder e alianças políticas. O profeta Jeremias enfatiza que a verdadeira renovação começa no coração, e que o povo de Judá precisa se voltar para Deus e permitir que ele transforme seus corações.

No Salmo 51.10, em que está escrito: “Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova em mim um espírito reto”, contempla-se uma oração de arrependimento de Davi após seu pecado com Bate-Seba e o assassinato de Urias. O Salmo começa com Davi clamando pela misericórdia e pelo perdão de Deus, reconhecendo sua culpa e pecado. Na ocasião, o salmista pede a Deus para purificar seu coração e renovar seu espírito, mostrando a importância do “coração” no desafio de buscar a santidade. Davi, pelo termo que aqui usa, descreve a obra de Deus em renovar o coração de uma maneira própria à sua extraordinária natureza, representando-o como a formação de uma nova criatura.¹⁰

O termo “coração” em Salmo 51.10 é usado para indicar a necessidade de uma mudança profunda e duradoura no interior do ser humano. Davi reconhece a corrupção de seu coração e sua necessidade de um coração puro para ter uma relação restaurada com Deus. Ele entende que essa mudança só pode ser realizada por Deus, que é o único que pode purificar e transformar seu coração. O versículo é uma expressão da humildade de Davi e sua confiança em Deus para realizar a mudança necessária em seu coração.

No verso contido no livro de Ezequiel 36.26: “Dar-vos-ei um coração novo e porei dentro de vós um espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei um coração de carne”, o contexto fala sobre a necessidade de restauração do povo de Israel e a renovação da aliança com Deus. Ele promete trazer o povo de volta à sua terra, purificar seus corações e renovar seu espírito. Afirma que fará isso, não por causa da justiça do povo, mas por causa da Sua própria santidade e fidelidade à aliança que fez com eles.

Neste texto, vê-se a promessa de Deus de transformar o “coração de pedra” em um “coração de carne”, destacando a importância da mudança e da regeneração pelo interior do homem, que é o “coração”. É uma obediência voluntária que brota de um coração transformado e cativado pelo redentor.¹¹ O versículo 26 é uma expressão da promessa de Deus de mudar a natureza do coração do povo de Israel. Ele promete dar um coração novo,

⁹ WALTKE, B. K. **Provérbios**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 385-386.

¹⁰ CALVINO, João. **Salmos**. São José dos Campos: Fiel, 2009, p. 426.

¹¹ LANE, Timothy; TRIPP, Paul. **Como as pessoas mudam**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 216.

ao invés do coração de pedra, ou seja, um coração sensível à Sua voz e orientado pela Sua vontade.

Em suma, o significado atribuído à palavra “coração” no Antigo Testamento é descrito como um lugar onde a sabedoria e o discernimento residem, assim como ambiente de emoções, como alegria, tristeza, medo e amor. É o lugar onde a vontade e intelecto habitam e o ser humano se rende ou se rebela diante de Deus, o criador, de maneira a ter toda a sua vida orientada por aquilo que se cultiva no “coração”. Assim, o “coração” é o lugar em que o homem enfrenta a maior batalha de todas: a batalha com Deus. Essa não é meramente racional, mas central, ou seja, uma luta pela centralidade não somente dos raciocínios, mas também das vontades, emoções e decisões.¹²

O “coração” é o “EU” verdadeiro. É a essência daquilo que uma pessoa realmente é. Apesar de se dar muita ênfase à pessoa exterior, no âmbito da fé se reconhece que a pessoa verdadeira é a de dentro.¹³ Como exemplo, basta imaginar um casal de namorados que diz estar se conhecendo. A ideia não sugere que estejam em uma busca de um conhecimento físico, isto é, não estão medindo as partes do corpo para verem se há interesse mútuo. O escopo é, por meio do relacionamento desenvolvido, conhecerem o “coração” um do outro, no sentido do “eu” interior (sentimentos, vontades, paixões, razão e afeto).

No tópico seguinte, semelhantemente, aborda-se sobre a perspectiva neotestamentária da tradução do vocábulo coração e suas implicações práticas para o entendimento do ser humano, o que possibilita compreender a sua aplicabilidade na vida por meio dos relacionamentos.

2. O VOCÁBULO *KARDIA* (“CORAÇÃO”) NO NOVO TESTAMENTO

O Novo Testamento usa o termo *καρδιά* (*cardia*) para “coração” e seu significado é equivalente ao hebraico (*leb e lebab*), na medida em que propõe a descrição do âmago do ser humano¹⁴ e seus principais aspectos, normalmente seguindo a tríplice divisão de mente, afeição (sentimentos) e vontade (volição). No entanto:

[...] o significado de “coração” como sendo a vida interior, o centro da personalidade e o lugar onde Deus Se revela aos homens se expressa de maneira ainda mais enfática no Novo Testamento: (a) O “coração” é centro da vida física e da constituição psicológica do homem. Ocorre com relativa raridade no sentido do órgão físico, a sede da vida natural (Lc 21.34; At 14.17; Tg 5.5). Por contraste, denota mais frequentemente a sede da vida intelectual e espiritual, a vida interior, em contrastes com as aparências externas (2Co 5.12; 1Ts 2.17). Os poderes do espírito, da razão e da vontade se centralizam no coração bem como as menções da alma, os sentimentos, as paixões e os instintos. O coração representa o ego do homem. É, simplesmente, a pessoa (a pessoa interior do coração, 1Pe 3.4). (b) é, também, o centro da vida espiritual. As instâncias mais significantes de

¹² MADUREIRA, Jonas. *Inteligência humilhada*. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 221.

¹³ TRIPP, Paul. *Instrumentos nas mãos do Redentor*. São Paulo. Nutra, 2009, p. 92.

¹⁴ SOUSA, Fernando. *Colloquium*: revista multidisciplinar de teologia. Crato: Faculdade Batista do Cariri, 2022, p. 2.

“cardia” no Novo Testamento ocorrem naquelas passagens que falam do estado do homem diante de Deus. O coração é aquilo ao qual Deus se dirige. É a sede da dúvida e da dureza, além de ser a da fé e da obediência.¹⁵

Sendo assim, tanto o universo do Antigo Testamento quanto do Novo Testamento harmoniza-se em algumas traduções que definem o vocábulo “coração”, sendo a sede de todas as paixões, as vontades, os desejos e a fonte motivadora de escolhas comportamentais do ser humano.

No mundo greco-romano do século primeiro, cenário do pensamento neotestamentário, o termo “cardia” era frequentemente utilizado para se referir ao coração físico, mas também era empregado de forma metafórica para se referir ao centro da pessoa, suas emoções, seus pensamentos e suas vontades. Esse entendimento pode ser observado em diversas obras literárias e filosóficas da época, como por exemplo, “Ilíada” e “Odisseia”, ambas do poeta Homero, um dos principais influenciadores da Grécia Antiga.

A ideia de “coração” veicula uma relação entre a parte física do homem (órgão) e, principalmente, o centro emocional de seus personagens. Na Ilíada¹⁶, o guerreiro Aquiles é descrito como tendo “o coração dividido”, enquanto na Odisseia¹⁷, a deusa Atena coloca “um pensamento ardente em seu coração”. Com a mesma abordagem, mas agora se referindo à relação do homem com Deus, Agostinho utiliza o vocábulo em destaque para se referir ao centro da pessoa que busca a Deus, por esse motivo argumenta que a “kardia” humana é inquieta e só encontra descanso em Deus.¹⁸

Jesus diz que a “boca fala do que está cheio o coração” (Lc 6.45). Em outras palavras, o comportamento de uma pessoa é reflexo daquilo que ela cultiva em seu coração, isto é, desejos, expectativas e perspectivas de entendimento sobre a vida, circunstâncias, Deus e ela mesma e que estão sendo processadas em seu coração.

A Bíblia usa “coração” para descrever o interior da pessoa. As escrituras dividem o ser humano em duas partes, o ser interior e o exterior. A pessoa exterior é o seu físico; a parte interior é o seu espírito (Ef 3.16). O sinônimo que a Bíblia mais usa para o ser interior é o “coração”. Ele abrange todos os outros termos e funções usados para descrever a pessoa interior (espírito, alma, mente, emoções, vontade, etc). Esses outros termos não descrevem algo diferente do coração. Mais precisamente são aspectos deles, partes ou funções da pessoa interior.¹⁹

Assim sendo, o coração é a essência de quem a pessoa é, dos sentimentos, das perspectivas e da identidade que a governam no mais íntimo do seu ser. Talvez, seja esta a razão de o Novo Testamento enfatizar a importância do coração e das motivações.

Além das palavras de Jesus mencionadas no evangelho de Lucas 6.45, encontra-se em seu ensino que o maior de todos os mandamentos era amar a Deus “de todo o coração” (Mt

¹⁵ COENEN, L; BROWN, C. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 425-426.

¹⁶ HOMERO. **Ilíada**: Versão em grego antigo com tradução em inglês. Livro 1, linhas 210-211.

¹⁷ HOMERO. **Odisseia**: Versão em grego antigo com tradução em inglês. Livro 1, linha 104.

¹⁸ AGOSTINHO. **A cidade de Deus**: Versão em latim com tradução em inglês. Livro 10, capítulo. p. 232.

¹⁹ TRIPP, 2009, p. 92.

22.37-40).²⁰ No contexto da passagem, Jesus está dialogando com líderes do judaísmo que tentam colocá-lo à prova, por meio de pergunta capciosa sobre qual era o maior mandamento da Lei. Jesus, então, responde que o maior mandamento é amar a Deus de todo o “coração”. Tal resposta de Jesus é um resumo de toda a Lei expressa no Antigo Testamento.

O significado ali da fonte do amor descrito, é digno de nota, pois indica que o amor a Deus e ao próximo devem ser sinceros e vindos de dentro. “Amar a Deus e ao próximo” não consiste em uma ação superficial e externa, mas genuína e profunda. O “coração” é o eixo da existência humana, o manancial de todos os seus pensamentos, palavras e ações.²¹ O “coração”, aqui, é fonte de emoções, desejos e intenções.

No evangelho de Mateus 6.21 está escrito: “pois onde estiver o seu tesouro, aí também estará o seu coração”. Essa frase é parte do “sermão da montanha”, em que Jesus ensina Seus seguidores sobre a importância de posicionarem Deus em primeiro lugar em suas vidas e não se preocuparem excessivamente com bens materiais. A palavra “tesouro” pode se referir a muitas coisas, como dinheiro, posses, status, poder, entre outras coisas que uma pessoa valoriza. Jesus faz uma relação entre “tesouro” e “coração” como centro de todas as atenções, os desejos e as prioridades de um indivíduo.

No campo espiritual, o coração é objeto de constante investigação, pois é nele que se encontram as reais motivações, convicções, e desejos de alguém, ou seja, aquilo que uma pessoa valoriza, visto que é isso que se considera como seu tesouro e que governa suas atitudes e ações. Portanto, Jesus está incentivando Seus seguidores a valorizarem as coisas que têm valor eterno, como o amor, a bondade, a compaixão, em contraposição às coisas que são passageiras e temporárias.

Naturalmente, se o verdadeiro tesouro de uma pessoa, seu propósito último em todos os seus esforços, é algo que pertence a esta terra – a aquisição de dinheiro, fama, popularidade, prestígio, poder –, então o seu coração, o próprio centro de sua vida (Pv 4.23), será completamente absorvido por esse objetivo mundano. Todas as suas atividades, mesmo aquelas que são de caráter religioso, serão subservientes a esse único propósito. Por outro lado, se movido por sincera e humilde gratidão a Deus, fez do reino de Deus o seu tesouro, ou seja, o reconhecimento deleitoso da soberania de Deus em sua própria vida e em cada esfera da mesma, então é *ali* também onde estará o seu coração.²²

Tal citação propõe que a relação de uma pessoa com Deus está intimamente ligada àquilo que permeia em seu coração. É impossível lidar com os dilemas de uma pessoa sem buscar desvendar as camadas do “coração”.

Interessante, que no discurso de Estevão no Sinédrio foi feita a seguinte afirmação sobre Moisés: “E, quando completou a idade de quarenta anos, **veio-lhe ao coração** ir visitar seus irmãos, os filhos de Israel (At 7.23, grifo nosso). Em outras versões, a expressão “veio-lhe ao

²⁰ PRATT JR, R. L. **1 e 2 Crônicas**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 52.

²¹ HENDRIKSEN, W. **Mateus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 371.

²² HENDRIKSEN, 2010, p. 428.

coração” foi traduzida por “decidiu visitar” e “teve a ideia de visitar”, isso porque, o coração é o lugar de tomada de decisões, ele é que dirige a vontade e desejo do ser humano.²³

No “coração” é que o homem analisa situações e faz escolhas. Portanto, é praticamente impossível separar aspectos intelectuais dos aspectos volitivos. Quando se considera o coração humano, deve-se levar em conta a dinâmica de seu funcionamento e não seus “compartimentos”, “divisões” e “categorias”. Deve-se pensar neles “trabalhando continuamente em conexão um com os outros”.²⁴

Na carta de Efésios 1.18, Paulo ora pelos irmãos, a fim de que: “os olhos do coração de vocês sejam iluminados”. O apóstolo está reconhecendo que a sabedoria espiritual não é algo que possa ser alcançado apenas pela inteligência ou esforço humano, mas é uma revelação divina que vem de Deus. É uma experiência espiritual que envolve toda a pessoa, não apenas a mente.

O coração é, portanto, um símbolo da necessidade de uma transformação espiritual completa, na qual Deus age em todo o ser, incluindo a mente, a vontade e as emoções. A oração de Paulo contida em Efésios 1.18, é uma chamada para que os cristãos abram seus corações, a fim de que possam ser transformados pela iluminação divina e, assim, compreenderem plenamente a esperança e a herança que têm em Cristo.

Em seu comentário sobre Efésios, Stott enfatiza que o pedido de Paulo por uma iluminação do coração indica a necessidade de uma transformação interna, não apenas de um conhecimento intelectual: “Paulo não está pedindo que os olhos da mente sejam iluminados, mas os do coração. Ele está orando para que Deus dê a eles uma compreensão pessoal e experiencial”.²⁵

O versículo que se encontra em 1 Pedro 3.4, ensina que a verdadeira beleza não está na aparência física, mas no “ser interior”. Essa expressão é usada em outros lugares na Bíblia, como na carta em Romanos 7.22. Nela, Paulo fala sobre a luta entre a lei de Deus em sua mente e a lei do pecado em sua carne. Neste cenário, o “coração” é o “eu” interior ou a consciência moral da pessoa.

De acordo com a teologia bíblica, o coração é o lugar onde Deus trabalha para transformar a pessoa e torná-la mais semelhante a ele. A beleza que Pedro enfatiza não é meramente superficial, mas sim uma beleza que vem de um coração transformado por Deus. Grudem destaca que a referência de Pedro ao “ser interior” revela a importância da atitude e do caráter interior de uma pessoa em contraste com a ênfase da cultura em aparência física e riqueza. Ele, ainda, observa que o olhar de Pedro na beleza interior está alinhado com a ênfase bíblica na transformação do coração pela graça de Deus.²⁶

No intuito de se compreenderem os problemas enfrentados pelo ser humano, observa-se que os estudos efetivados pelas áreas das ciências humanas, sociais e biológicas nem sempre alcançam resultados concretos e eficazes, porque estão trabalhando, em certo

²³ SOUSA, 2022, p. 5.

²⁴ SOUSA, 2022, p. 5.

²⁵ STTOT, John. **A mensagem de Efésios**. São Paulo: Ultimato, 2001, p. 76.

²⁶ GRUDEM, Wayne. **1 Pedro**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 115.

sentido, com a ênfase no homem exterior, em que o centro da questão está no coração. Contudo, é para o homem interior que se faz necessário olhar, na tentativa de compreender, mesmo que limitadamente, a razão que move o seu existir e isso precisa ser investigado.

A verdade é que somente Deus é “conhecedor do coração” humano. Nem o próprio homem pode conhecê-lo. “Ninguém pode entender seu próprio coração, muito menos mudá-lo. O homem sem Deus vive sob o poder do pecado, que fez sua habitação no seu coração e, desta posição favorável, escraviza o homem inteiro”.²⁷ Por essa razão, o estudo da dinâmica do coração torna-se relevante para o entendimento da natureza humana, visando ao melhor relacionamento do homem com o seu Criador. Como diz Adams, “a verdade é que a discussão da noção bíblica de coração é completamente elucidativa [...], e enquanto não for devidamente entendida, não se terá uma compreensão real da natureza humana (em especial do seu aspecto espiritual)”.²⁸

Uma vez entendidas algumas das possíveis traduções do termo bíblico “coração” tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento, o próximo passo é elucidar como, na cosmovisão bíblica e a partir do relato da criação, o “coração” do homem se torna o grande alvo de redenção de Deus e, posteriormente, como tal fundamento assume espaço indispensável na prática do aconselhamento bíblico.

3. A COSMOVISÃO BÍBLICA E A CENTRALIDADE DO CORAÇÃO APRESENTADA NOS CAPÍTULOS 1 A 3 DE GÊNESIS

O termo cosmovisão é implicador de posicionamentos que são assumidos no jeito de pensar, sentir, crer, fazer e agir. Ele diz da maneira como cada pessoa e grupo social tecem leituras sobre a realidade, por isso que não se pode falar de uma cosmovisão, mas de cosmovisões.²⁹ Geisler apresenta a cosmovisão como “um conjunto de pressupostos básicos que um indivíduo ou grupo tem acerca da realidade, que influenciam sua interpretação e avaliação de todas as coisas na vida”.³⁰

Sire³¹ define cosmovisão como um compromisso fundamental do coração e que ocorre por meio de pressupostos conscientes ou inconscientes que se crê e fundamentam a existência. São eles que ajudam o ser humano a dar respostas às questões essenciais da vida.

Domingues³² informa que uma especificidade da cosmovisão é que apresenta um conteúdo que, ao ser apropriado, resulta no ato de significação. É por essa razão que se pode dizer que uma cosmovisão faz parte da vida e da cultura, à medida que ela responde aos

²⁷ COENEN; BROWN, 2000, p. 507.

²⁸ ADAMS, Jay E. **Teologia do aconselhamento cristão**: mais que redenção. Tradução Samuel Fernandes do Nascimento Jr. Eusébio: Peregrino, 2016, p. 164.

²⁹ DOMINGUES, Gleyds Silva. **Visões de mundo e a leitura bíblica da realidade**. Curitiba: Discipular, 2019, p. 20-36.

³⁰ GEISLER, Norman L. **A Cosmovisão Cristã**. São Paulo: Vida, 2017, p. 23.

³¹ SIRE, James. **Dando nome ao elefante**. cosmovisão como um conceito. Brasília: Monergismo, 2019, p. 160-166.

³² DOMINGUES, Gleyds Silva. Razões para o estudo sobre o objeto cosmovisão em sua vertente cristã bíblica direcionadas à formação humana. In: DOMINGUES, Gleyds Silva (Org). **Estudos temáticos em cosmovisão cristã**: olhares sobre diferentes áreas da vida. Curitiba: Olsen, 2022, p. 15.

anseios do coração humano. “Uma cosmovisão significa e oferece sustentação ao ato da existência, visto que nela se atribuem os significados que asseguram o ser e o estar no mundo”.³³

A cosmovisão que aqui se ressalta é a cristã bíblica, isso porque se compreende que as respostas oferecidas às questões existenciais são completas e se encontram na própria revelação de Deus. Nela, está claro que o propósito da existência de toda a criação é a adoração. Ryken³⁴ declara que é na adoração a Deus que a criação encontra a sua razão de ser. Isso porque “a única adoração que preenche o coração humano e satisfaz a alma é aquela que é dirigida ao Deus único e verdadeiro. O Deus da revelação”.³⁵

A cosmovisão cristã é uma forma de compreender a realidade e se fundamenta na ação providencial de Deus na história da criação. Os pressupostos defendidos abordam a crença em um único Deus, a autoridade das Escrituras Sagradas e a obra salvífica de Jesus Cristo. Ela fornece uma perspectiva abrangente sobre questões fundamentais da vida, como a origem do universo, a natureza humana, o episódio da queda, o propósito da vida, a ética e a moralidade, o papel da história, dentre outras.

Pearcey define a cosmovisão cristã como “uma rede interconectada de crenças, valores e pressuposições que fornece uma estrutura unificada para compreender a realidade”.³⁶ Ela argumenta que a cosmovisão cristã não é apenas uma coleção de crenças isoladas, mas um sistema completo de pensamento que aborda questões que vão desde a natureza de Deus e do homem até a ética e a política, tendo sempre como base e autoridade final as Escrituras Sagradas.

A cosmovisão cristã é fundamentada na crença em Deus como o Criador do universo, sendo Ele a fonte de toda verdade e moralidade, enfatizando a importância da Bíblia como matriz de tal autoridade e verdade. Além disso, e, mais especificamente, essa cosmovisão, fundamentando-se no relato da criação em Gênesis 1 a 3, argumenta que a queda do homem e sua consequente alienação de Deus é a raiz de todos os problemas do mundo, incluindo a doença, a morte e a degradação moral. Ela enfatiza a necessidade de redenção e restauração através de Jesus Cristo como a única solução para esses problemas.³⁷

Algumas questões levantadas pelo ser humano são: por que o homem faz aquilo que faz? Como as coisas deveriam ser? Qual a maneira pela qual as coisas podem ser restauradas? Essas são perguntas que toda cosmovisão se propõe a responder, e a Bíblia não é diferente. Portanto, entender a perspectiva da criação, queda e redenção, em Gênesis, acarretará conhecer a centralidade do “coração” na abordagem dos dilemas humanos mais profundos e que são respondidos pelos pressupostos da cosmovisão cristã bíblica.

³³ DOMINGUES, 2022, p. 15.

³⁴ RYKEN, Philip. **Cosmovisão cristã**: com guia de estudos e glossário. São Paulo: Cultura Cristã, 2015, p. 50.

³⁵ DOMINGUES, 2022, p. 25.

³⁶ PEARCEY, Nancy. **Total truth**: liberating christianity its cultural captivity. USA: Crossway, 2008, p. 24.

³⁷ GEISLER, 2017, p. 47-49.

3. O CORAÇÃO COMO ALVO DE DEUS NA CRIAÇÃO

Segundo o cristianismo, a “imago Dei” é a expressão em latim para “imagem de Deus”. É a crença de que os seres humanos foram criados à imagem e semelhança de Deus, tendo uma natureza especial que reflete a natureza divina. Essa crença tem implicações significativas na ética e na compreensão da dignidade humana.

Segundo Erickson, “a imago Dei se refere a um relacionamento com Deus que implica o reflexo da natureza divina nas pessoas”.³⁸ Isso significa que os seres humanos têm uma natureza especial que os distingue de todos os outros seres criados, e que essa natureza inclui a capacidade de refletir a natureza de Deus em termos de amor, bondade, justiça e outros atributos divinos. A ideia de imago Dei é mencionada na Bíblia em Gênesis 1.26-27:

Então disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra. Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.

O relato da criação de Gênesis 1 tem uma cadência, um ritmo. Deus cria no primeiro dia a luz, dia e noite passam a existir; cria, no segundo dia, céus, terra e água; e assim é até o sexto dia, quando Deus criou homem e mulher e, até aqui, sempre a declaração de que tudo o que foi criado é bom. Entretanto, no sexto dia, o ritmo é interrompido. Deus fez algo que até então não havia feito. Deus interage falando com Adão e Eva. Tripp propõe que tanto o fato de o homem ser a imagem e semelhança de Deus quanto o ritmo ditado em Gênesis 1, na criação do homem e da mulher, mostra a interação entre Deus e eles e sugere que todo ser humano foi criado com três características fundamentais: são receptores de revelação, intérpretes e adoradores.³⁹

O ato da criação do homem e da mulher significa que Deus não apenas fez o casal, antes, toda a humanidade está neles representada, para espelhar (imago dei) e espalhar (multiplicação da espécie) a sua glória a este mundo. E, mais ainda, o fato de que toda a identidade e propósito pelo qual homem e mulher existem se fundamentam em Deus, em sua voz, em seus planos.

A capacidade de o homem ouvir, entender e aplicar as palavras de Deus em sua vida (receptores de revelação) foi dada para que a humanidade pudesse, não apenas se relacionar entre si, mas relacionar-se com Deus. A criação humana no Gênesis não tem “luz própria”, não é portadora de uma razão de existir por si só, antes, existe a partir de Deus. Seus desejos, vontades, paixões, razões e emoções giram em torno da voz e chamado de Deus para suas vidas.

É certo que o ser humano vive interpretando coisas. Da criança que escuta a conversa de seus pais e começa a criar pressupostos de certo e errado na vida, ao adulto dialogando sobre moral e ética na academia. De fato, é dada ao ser humano a capacidade de interpretar

³⁸ ERICKSON, Millard. **Christian theology**. USA: Baker Academy, 2013, p. 514.

³⁹ TRIPP, 2009, p. 69-77.

o mundo à sua volta. Isso significa dizer que Deus fez a humanidade como intérpretes, ou seja, com uma capacidade inigualável (dentre toda a criação de Deus) de organizar, interpretar e explicar.

A maneira como o ser humano interpreta a vida e confere sentido é que pode condicionar as emoções, vontades, paixões. Afinal, ele tem a capacidade para criar planos que possam ajudar a encontrar soluções, como engajar-se em projetos e inovar por meio de ideias e criatividade. O ser humano precisa de um sistema de referência para produzir interpretações válidas que o ajudem a reagir à vida de maneira adequada. Só as palavras do Criador podem ajudar a fornecer esse sistema.⁴⁰

Deus, ainda, fez seres humanos adoradores. O objetivo era o de que a adoração a Deus fosse a essência da criatura humana. Adão e Eva foram criados para que tudo ganhasse sentido em suas vidas a partir da pessoa, presença e propósito de Deus. Em um nível mais profundo, o homem existe para “se curvar” diante de algo ou de alguém, e a ideia original contida na criação, era de que o alvo de tal rendição fosse Deus. O apóstolo Paulo diz em 1 Coríntios 10.31: “Portanto, quer vocês comam ou bebam, façam tudo para a glória de Deus”.

O cristianismo ensina que o homem é essencialmente adorador, ou seja, que ele tem uma necessidade inata de adorar algo ou alguém. Essa crença é firmada na ideia de que os seres humanos foram criados para adorar a Deus e que essa é a sua finalidade última. Piper argumenta que a adoração é a atividade mais fundamental e central da vida humana, porque é a resposta natural à glória de Deus revelada em sua criação e em sua Palavra. Ele afirma que “a adoração é a atividade mais valiosa e preciosa que uma pessoa pode realizar. [...] É a razão pela qual fomos criados”.⁴¹

Além disso, Piper argumenta que a adoração é um aspecto essencial da vida cristã, porque é através da adoração que os cristãos se aproximam de Deus e experimentam sua presença de forma mais profunda. Ele afirma que “a adoração é a essência da vida cristã”,⁴² e que é através da adoração que os cristãos são transformados e capacitados a viver vidas piedosas e frutíferas. Assim, o ser humano sempre se curvará diante de algo, ou seja, haverá algo ou alguém que o norteie, governe e tome as rédeas de seu coração; haverá algo que dita a razão, a emoção, os prazeres e as tristezas. No plano original, este agente governador deveria ser Deus, sua presença, seus planos e propósitos.

A importância de voltar o coração para Deus é um tema presente em toda a Bíblia, incluindo os primeiros capítulos de Gênesis, em que a narrativa bíblica da criação do mundo e da humanidade é encontrada. Tudo o que existe foi criado por Deus e para Deus. Isso significa que, ao voltar o coração para Deus, o homem se conecta com a fonte de toda a criação e se encontra com seu propósito.

A necessidade de voltar o coração para Deus em Gênesis 1 e 2 é fundamental para se entender o propósito dos seres criados por ele, afinal em Deus se encontram a verdadeira identidade e o caminho em direção a uma vida plena e significativa. No entanto, quando a

⁴⁰ TRIPP, 2009, p. 73

⁴¹ PIPER, John. **A paixão de Deus por sua glória**. São Paulo: Vida Nova, 2003, p. 21.

⁴² PIPER, 2003, p. 23.

humanidade escolhe se afastar de Deus e decide seguir os seus próprios desejos, o que acontece é que um afastamento de seu próprio propósito e uma vida disfuncional e de muito sofrimento se torna uma realidade presente, como é apresentado a seguir.

4. O CORAÇÃO COMO ALVO DA SERPENTE NA QUEDA

O cenário da criação em Gênesis 1 e 2 tem um ritmo. Deus fala e tudo toma perfeita ordem. O final do capítulo 1 termina com o próprio Deus celebrando sua criação (“e viu Deus tudo o que havia feito, e tudo havia ficado muito bom” – Gn 1.31), e o final do capítulo 2 termina com o homem celebrando a criação de Deus (Gn 2.25). Harmonia e paz imperavam no jardim.

No capítulo 3 de Gênesis, o que se vê é a quebra do ritmo da narrativa da criação, na qual o ser humano rompe a sequência da interação que deu origem a sua identidade, perspectiva e propósito de vida, visto que neste cenário, ele deu atenção a outra voz, alterando os planos propostos. Satanás usa da meia verdade e provoca o desejo de transgredir a ordem estabelecida por Deus. Gênesis 3.1 diz:

Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais selvagens que o Senhor Deus tinha feito. E ela perguntou à mulher: Foi isto mesmo que Deus disse: Não comam de nenhum fruto das árvores do jardim?

Ressalte-se que homem e mulher foram criados para a glória de Deus e, nesse propósito, manter pleno relacionamento com ele, pois o objetivo é de encontrarem sua identidade, chamado e razão de ser na voz do Criador. Eles deveriam interpretar a vida, planejar e se relacionar um com o outro na presença e em adoração ao Criador. No entanto, o pecado entrou no mundo e, pela voz da serpente, uma promessa de vida autônoma foi oferecida. Uma vida separada de Deus. Tripp sugere que a proposta da serpente a Eva visava a mais que lucro imediato; almejava uma vida distanciada, autônoma e não submissa a Deus:

O drama moral chega então ao coração da existência humana. Note que a passagem diz que Eva viu o fruto como “desejável para ganhar sabedoria”. Satanás não estava somente vendendo para Eva o melhor fruto do jardim, mas algo tremendamente atraente. Ele disse a Eva que se ela comesse o fruto, ela seria sábia de maneira independente. A promessa era sabedoria pessoal e autônoma, sem a necessidade de Deus e de Sua revelação! Essa foi a atração que levou à Queda.⁴³

O apóstolo Paulo diz em Romanos 1.18: “Portanto, a ira de Deus é revelada dos céus contra toda a impiedade e injustiça dos homens que suprimem a verdade pela injustiça”, e ainda cita no capítulo 1 da carta por três vezes, no verso 24, 26 e 28, que Deus entrega, então, a humanidade aos seus desejos de autonomia e independência e, como consequência de tudo isso, uma série de males que sobrevém ao mundo é descrita dos versos 24 a 32 do mesmo capítulo.

O trecho do texto destacado de Romanos, começa falando sobre o coração do homem se desviando do seu propósito original, que é a adoração a Deus, e buscando a substituição

⁴³ TRIPP, 2009, p. 78.

do verdadeiro Deus por ídolos feitos pelo homem (v. 24-25). Em seguida, o apóstolo Paulo descreve como Deus entregou os seres humanos às paixões pecaminosas, incluindo a sexualidade deturpada, a depravação mental e a falta de compaixão (v. 26-32).⁴⁴

A perícopes destaca a necessidade de uma transformação interior do coração, que só pode ser alcançada através da graça e do poder de Deus. O apóstolo Paulo enfatiza que todos os seres humanos são pecadores e precisam da salvação em Cristo (Rm 3.23-24). Assim, toda a humanidade é afetada pela rebeldia à voz do Senhor e os grandes e pequenos fragmentos do pecado assombram a humanidade em um chamado para uma vida distante de Deus.

A sabedoria de Satanás proporciona ao homem um caminho diferente para o discernimento de si mesmo, oferecendo a promessa de uma vida guiada autonomamente, ou seja, não submissa à autoridade e padrão moral de Deus. Ao ser humano é oferecida uma vida guiada por suas próprias mãos, para que se apoie em sua capacidade de interpretar, pensar, entender e aplicar. Este é o resultado da Queda, vida sem a presença de Deus.

De acordo com a tradição cristã, a entrada do pecado no mundo afetou a adoração a Deus de várias maneiras. A queda do homem tornou a adoração a Deus mais difícil e problemática, pois a humanidade se tornou incapaz de se aproximar de Deus em santidade e pureza. Bridges destaca as várias influências do pecado no coração humano, incluindo, a dureza do coração como uma insensibilidade à voz de Deus; a inclinação para o egoísmo, como consequência o ser humano como alguém centrado em si mesmo, e menos preocupado com os outros; tendência em justificação do erro, como a tendência em sempre terceirizar a culpa e dificuldade em abandonar e confessar pecados; e, por fim, a inclinação à desobediência, como um instinto natural para desobedecer a Deus e sua vontade.⁴⁵

Sendo assim, conseqüentemente, o problema mais profundo da natureza humana não é de natureza experimental, biológica ou relacional. Ela é moral e altera tudo: distorce a identidade, muda a perspectiva, sabota o comportamento e sequestra a esperança. O grande dilema do comportamento humano pelas páginas das Escrituras Sagradas é o coração humano, que é regido pelo desejo de autonomia diante de Deus. Ao invés de se submeter à autoridade de Deus, o mundo vive como se fosse o seu próprio “deus”. O mundo que, certa vez cantou a canção da perfeição, agora geme sob o peso da queda. A comunhão do ser humano com Deus é interrompida pelo pecado, pois, ao contrário de ser espelho da glória e da imagem de Deus (Gn 1.27), ele se escondeu, afastando-se do Criador. Ele fugiu de Deus e não para Deus. Percebeu sua nudez (vergonha, v.10).

Como consequência da queda, a relação entre o homem e a mulher sofre impactos. Homem e mulher não mais vivem um casamento harmônico, antes, culpam um ao outro, rachando a intimidade, a amizade, a união entre eles. Agora, existe entre eles conflito, competição e culpa. Pior, o homem culpava a Deus (implicitamente), por ser ele quem colocou a mulher ao seu lado.

⁴⁴ MOO, Douglas. **The Epistle of Romans**. Michigan: Eerdmans, 1996, p. 83-94.

⁴⁵ BRIDGES, Jerry. **The pursuit of holiness**. Colorado: NavPress, 2016, p. 27-33.

5. O CORAÇÃO COMO ALVO DA REDENÇÃO DO HOMEM

Gênesis 3.15 é um dos versículos mais importantes da Bíblia, conhecido também como o protoevangelho, ou a primeira promessa de Deus de enviar um Salvador para redimir a humanidade da queda. O versículo diz: “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar”. Este versículo fala da vitória final de Cristo sobre Satanás, que foi predita desde o início da história humana.

Cristo é o descendente da mulher mencionado neste versículo e Satanás é o descendente da serpente. Embora Satanás pudesse ferir o calcanhar de Cristo (ou seja, tentar prejudicá-lo), Cristo o feriria na cabeça (ou seja, derrotá-lo-ia completamente). Isto é significativo, porque mostra que Deus tinha um plano de redenção desde o início e que Cristo seria o único a cumprir este plano. Ele também mostra que Satanás é um inimigo real da humanidade e que Cristo tem o poder de vencê-lo. Deus anuncia uma batalha de campeões, e haverá uma semente que vence Satanás. Visto que o Adão natural fracassou, finalmente, o descendente da mulher viria a ser o Adão celestial.⁴⁶

O que parecia sem sentido e fora de controle, era, na verdade, o desenrolar da maravilhosa história da redenção, que alcançou seu auge com a vinda de Cristo.⁴⁷ Toda a história da revelação bíblica aponta para o descendente da mulher que esmagará a cabeça da serpente prometida no relato da criação. Há várias passagens no Antigo Testamento (antes da vinda de Jesus) que são interpretadas como predições da vinda de Jesus. Segue a descrição de algumas delas:

1. Gênesis 22.18: “E em ti serão benditas todas as famílias da terra”. Essa promessa feita a Abraão é interpretada como uma indicação de que o Messias viria da linhagem de Abraão e abençoaria toda a humanidade.
2. Deuteronômio 18.15: “O Senhor teu Deus te levantará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, como eu; a ele ouvireis”. Essa passagem é frequentemente citada no Novo Testamento como uma profecia sobre Jesus, que é visto como o profeta que Deus levantou do meio do povo judeu.
3. Isaías 7.14: “Portanto o Senhor mesmo vos dará um sinal: Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, e chamará o seu nome Emanuel”. Essa perícopa é vista como uma profecia da concepção virginal de Jesus e seu nome Emanuel, que significa “Deus conosco”.
4. Isaías 9.6: “Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o governo estará sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz; para que se aumente o seu governo, e venha paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, para o estabelecer e o firmar em retidão e em justiça, desde agora e para sempre”. Essa passagem é vista como uma profecia do nascimento de Jesus, que é visto como o “Príncipe da Paz” e o cumprimento da promessa de um governante justo que viria da linhagem de Davi.

⁴⁶ WALTKE, 2001, p. 111.

⁴⁷ TRIPP, 2009, p. 20.

5. Miquéias 5.2: “E tu, Belém-Efrata, pequena demais para figurar como grupo de milhares de Judá, de ti me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade”. Esse trecho bíblico é visto como uma profecia da cidade de Belém como o local de nascimento de Jesus, o rei de Israel.
6. Zacarias 9.9: “Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém; eis que o teu rei vem a ti, justo e salvo, pobre e montado sobre um jumento, sobre um jumentinho, filho de jumenta”. Essa passagem é vista como uma profecia da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém antes da sua crucificação, quando ele montou em um jumento.

O Novo Testamento, então, tem como seu grande objetivo apresentar o plano estabelecido desde o Gênesis. Marcos 1.15 registra as palavras de Jesus desta maneira: “O tempo está se cumprindo, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho”. O que Jesus está dizendo, então, é que o reino de Deus no coração e na vida dos homens começaria a se afirmar muito mais poderosamente do que antes. Grandes bênçãos estavam preparadas para aqueles que, pela graça soberana, confessariam e deixariam seus pecados e começariam a viver para a glória de Deus.⁴⁸

O desejo da autonomia humana diante da proposta de viver “em” e “para” Deus tinha um preço altíssimo, a saber, a morte e a separação eterna de Deus (Rm 3.23 e 6.23). A rebeldia humana não apenas afeta o comportamento presente do homem, mas também o seu destino eterno. Deus é santo, justo e bom (Ap 4.8-11), e a humanidade é pecadora. O “salário do pecado é a morte” (Rm 6.23a), significa que a penalidade para o pecado é a morte espiritual e física.

Desde a queda do ser humano no Jardim do Éden, o pecado trouxe a morte para a humanidade, separando-a de Deus. A morte é a consequência natural do pecado, “mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus nosso Senhor” (Rm 6.23b).

A redenção do coração é uma das principais promessas do evangelho cristão. É a libertação de um coração escravizado pelo pecado e pela culpa, e a restauração da comunhão com Deus. Essa redenção foi conquistada por Cristo através de sua morte e ressurreição, e é oferecida a todos os que creem nele como Senhor e Salvador.

Lambert argumenta que a redenção do coração é um processo contínuo que começa com a justificação pela fé em Cristo e continua com a santificação progressiva através da obediência à Palavra de Deus. Ele enfatiza que a mudança do coração não é algo que o homem alcança por si mesmo, mas é obra exclusiva de Deus.⁴⁹ Além disso, destaca que a redenção do coração é uma redenção completa, que envolve todas as áreas da vida humana. Isso inclui pensamentos, desejos, motivações, relacionamentos e comportamentos. A redenção do coração não é apenas uma questão de mudança externa, mas de transformação interna profunda.⁵⁰

⁴⁸ HENDRIKSEN, W. **Marcos**. São Paulo: Cultura Cristã, 2014, p. 68.

⁴⁹ LAMBERT, Heath. **A theology of biblical counseling: The doctrinal foundations of Counseling ministry**. Grand Rapids: Zondervan, 2016, p. 53.

⁵⁰ LAMBERT, 2016, p. 54.

Scott argumenta que a redenção do coração é o cerne da salvação, pois envolve a transformação da natureza humana de pecaminosa para santa, o que é impossível de se realizar por esforços próprios. Ele enfatiza que a salvação em Cristo não é apenas uma questão de justificação diante de Deus, mas também de santificação contínua na vida cristã. Além disso, destaca que a redenção do coração é um processo contínuo que envolve a renovação da mente, a mortificação do pecado e a vivificação do Espírito Santo. A redenção do coração não é apenas uma mudança externa de comportamento, mas uma transformação interna profunda que envolve toda a vida do crente.⁵¹

Cristo veio restaurar as pessoas, a fim de que elas vivessem de acordo com o propósito para o qual elas foram criadas: viver em adoração e submissão obediente a Ele em todas as áreas de suas vidas. Ele cumpre isso, trazendo vida aos corações mortos para que a necessidade dele seja compreendida por todos.

A redenção tem como seu principal objetivo o resgate da possibilidade de o homem poder ouvir, se render e ser dirigido dependentemente pela voz de Deus. O coração criado para se render ao Criador, que, outrora, fora escravizado pelas consequências de ter se submetido à voz da serpente, agora pode ser restaurado e viver alegremente para espelhar e espalhar a glória de Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se o aconselhamento pastoral bíblico “é o processo de ajudar as pessoas a aplicarem a verdade bíblica às suas vidas para enfrentar os problemas e desafios existentes”⁵², então, é de extrema importância que o conselheiro tenha o “coração” como seu alvo. Mais do que isso, que a investigação e análise do coração se fundamentam e tenham como alvos, os pressupostos da cosmovisão cristã a partir da criação, queda e redenção.

Em outras palavras, em um aconselhamento bíblico deve se levar em conta o que está por detrás do comportamento (coração): quais são os desejos, ambições, vontades, quais as perspectivas sobre Deus e sobre si mesmo e, também, quais as leituras da realidade vivida pelo aconselhado que definem como ele se encontra e como tem reagido.

Espera-se, assim, observar o que a perspectiva de uma vida submissa a Deus e Sua palavra almeja para o aconselhado (criação), à medida que se denuncia como o desejo de autonomia humana e rebeldia contra Deus influenciam a situação vivida e, por isso, precisam ser consideradas para que sejam tratadas (queda) e, por fim, aponte o caminho da restauração para que aquele que está carente de ajuda, possa empenhar-se em uma vida que glorifica e agrada a Deus na maneira como encara sua realidade (redenção).

REFERÊNCIAS

ABDALLA, Thiago. **O hebraico nosso de cada dia**. São Paulo: Hagnos, 2022.

⁵¹ SCOTT, Stuart. **The exemplary husband**: a biblical perspective. Bemidji: Focus, 2002, p. 20-21.

⁵² ADAMS, Jay E. **What is biblical counseling?** In Introduction to Biblical Counseling. USA: Zondervan, 1986, p. 14.

ADAMS, Jay E. **Teologia do aconselhamento cristão**: mais que redenção. Tradução Samuel Fernandes do Nascimento Jr. Eusébio: Peregrino, 2016.

ADAMS, Jay E. **What is biblical counseling? In Introduction to Biblical Counseling**. USA: Zondervan, 1986.

AGOSTINHO. **A cidade de Deus**: Versão em latim com tradução em inglês. Livro 10.

BÍBLIA, Português. **Bíblia de Estudo NVI**. Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2003.

BÍBLIA, Sagrada. **Almeida revista e atualizada**. Barueri: SBB, 1993.

BÍBLIA, Sagrada. **Nova versão internacional**. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2000.

BRIDGES, Jerry. **The Pursuit of Holiness**. Colorado: NavPress, 2016.

CALVINO, João. **Institutas da Religião Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

CALVINO, João. **Salmos**. São José dos Campos: Fiel, 2009.

COENEN, L; BROWN, C. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000.

CRAIGIE, P. C. **Deuteronômio**. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

DOMINGUES, Gleyds Silva. Razões para o estudo sobre o objeto cosmovisão em sua vertente cristã bíblica direcionadas à formação humana. In: DOMINGUES, Gleyds Silva (Org). **Estudos temáticos em cosmovisão cristã**: olhares sobre diferentes áreas da vida. Curitiba: Olsen, 2022.

ERICKSON, Millard. **Christian theology**. USA: Baker Academy, 2013.

GEISLER, Norman L. **A cosmovisão cristã**. São Paulo: Vida, 2017.

GEISLER, Norman. **Enciclopédia de apologética**. São Paulo: Vida, 2012;

GRUDEM, Wayne. **1 Pedro**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2007.

HENDRIKSEN, W. **Marcos**. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

HENDRIKSEN, W. **Mateus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

HOMERO. **Ilíada**: Versão em grego antigo com tradução em inglês. Livro 1.

HOMERO. **Odisseia**: Versão em grego antigo com tradução em inglês. Livro 1.

LAMBERT, Heath. **A theology of biblical counseling**: the doctrinal foundations of counseling ministry. Grand Rapids: Zondervan, 2016.

LANE, Timothy; TRIPP, Paul. **Como as pessoas mudam**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

MADUREIRA, Jonas. **Inteligência humilhada**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

MOO, Douglas. **The epistle of Romans**. Michigan: Eerdmans, 1996.

PEARCEY, Nancy. **Total truth: liberating christianity its cultural capitivity**. USA: Crossway, 2008.

PIPER, John. **A paixão de Deus por sua glória**. São Paulo: Vida Nova, 2003.

PIPER, John. **Desiring God: meditations of a christian hedonist**. EUA: Multnomah, 1996.

PIPER, John. **Plena satisfação em Deus**: São José dos Campos: Fiel, 2009.

PRATT JrR, R. L. **1 e 2 Crônicas**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

RYKEN, Philip. **Cosmovisão cristã: com guia de estudos e glossário**. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

SIRE, James. **Dando nome ao elefante**. Cosmovisão como um conceito. Brasília: Monergismo, 2019.

SMITH, Raph. **Teologia do Antigo Testamento: história, método e mensagem**. São Paulo: Vida Nova, 2001.

SOUSA, Fernando. **Colloquium: revista multidisciplinar de teologia**. Crato: Faculdade Batista do Cariri, 2022.

STTOT, John. **A mensagem de Efésios**. São Paulo: Ultimato, 2001.

TRIPP, Paul D. **A idade da oportunidade**. São Paulo: Batista Regular, 2011.

TRIPP, Paul. **Instrumentos nas mãos do Redentor**. São Paulo: Nutra, 2009.

WALTKE, B. K. **Provérbios**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

WALTKE, B. K.; Fredericks, C. J. **Gênesis**. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

WOLFF, Hans Walter. **Antropologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008.